



LEITURA, AINDA UM HÁBITO

● Aline Novaes em livraria de Campinas, tipo de estabelecimento que enfrenta a competição das ferramentas tecnológicas, mas ainda atrai clientes fiéis. Hoje é celebrado o Dia Nacional do Livro, uma homenagem à fundação no Brasil da Biblioteca Nacional, em 1810. PÁGINA A12

DATA III DIA NACIONAL DO LIVRO

Leitura, porta aberta para o mundo

Apesar das mudanças tecnológicas, as livrarias ainda têm uma magia que encanta leitores fiéis

Henrique Hein
DA AGÊNCIA ANHANGUERA
henrique.hein@rac.com.br

Em 29 de outubro é comemorado o Dia Nacional do Livro, uma homenagem à Biblioteca Nacional, fundada no Brasil em 1810 pela coroa portuguesa. O movimento editorial teve início no Brasil quando D. João VI fundou a Imprensa Régia, em 1808. O primeiro livro publicado no país foi *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga.

Livrarias do Centro enfrentam desafios em tempos modernos

O Brasil só teve seu crescimento editorial a partir de 1925, com a fundação da Companhia Editora Nacional pelo escritor brasileiro Monteiro Lobato. De lá pra cá, muita coisa mudou. Em meio a um mundo dominado, cada vez mais, pelos aparatos tecnológicos, o livro anda esquecido, mas ainda fascina muita gente.

José Reinaldo Pontes, de 70 anos, dono da livraria e Editora Pontes, explica que anda difícil competir com a tecnologia e com os shoppings. “Os tempos mudaram. Em 2008, começou a grande crise mundial e a do livro em papel também. O livro perdeu a competitividade para as mídias eletrônicas e também para as vendas em internet e para os shoppings. Então, nós, que temos livrarias no centro de Campinas, fomos prejudicados por uma série de fatores”, afirma. Com mais de 40 anos de existência em Campinas, a livraria conta hoje com um acervo de aproximadamente 145 mil exemplares.

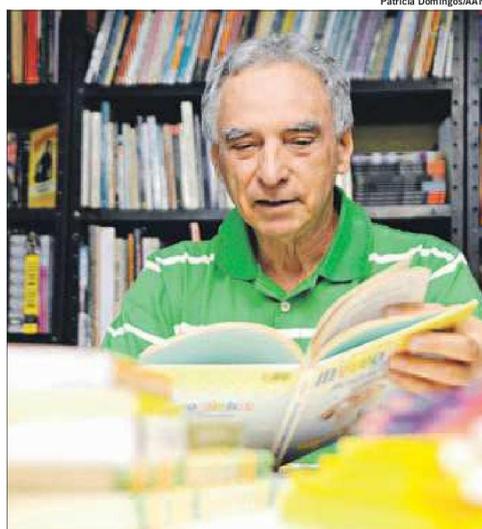
Um dos grandes desafios dos professores é ensinar a leitura para os alunos, mas ensinar não só a decifrar códigos,

“Quem mal lê,
mal ouve,
mal fala,
mal vê”

MONTEIRO LOBATO
Escritor



Celso Soldera, um dos sócios da livraria Pergaminho: “Os livros estão se modificando, se adequando às novas formas de comercialização”



José Reinaldo Pontes: “Nós fomos prejudicados aqui no Centro”

e sim a ter o hábito de ler. Seja por prazer, seja para estudar ou para se informar, a prática da leitura aprimora o vocabulário e dinamiza o raciocínio e a

interpretação. Para Márcia Abreu, editora da *Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)* e professora do Instituto de Estudos e Linguagem



Arlete Reis: “Me divirto, me apego e me identifico com os personagens”

“Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros”

BILL GATES

Fundador da Microsoft

(IEL) da universidade, existe uma confusão que alguns acabam fazendo. “O grande problema é que as pessoas indubitavelmente confundem decodificação com interpretação. A maioria esmagadora da população sabe decodificar (ver) uma frase, porém, quando ampliamos isso para o número de pessoas que sabem interpretar o sentido de uma frase colocada, começamos a ter um problema. O hábito e as habilidades de leitura se adquirem com o tempo, por meio do contato exclusivo com textos diversificados”, explica.

Segundo dados divulgados na última quarta-feira, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), mais da metade dos estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental apresenta níveis insuficiente de lei-

tura e em matemática para a idade, ou seja, dificuldade para interpretar textos e fazer contas. De acordo com a Avaliação Nacional de Alfabetização, 54,73% dos alunos possuíam um nível de leitura insuficiente em 2016.

Paixão

Apesar do advento das novas tecnologias, a estudante universitária Luisa Bergara de Souza, de 20 anos, não deixou que um aparelho de celular atrapalhasse a sua paixão pelos livros, iniciada na infância, quando seus pais liam os periódicos para ela e seu irmão. “A gente acompanhava as figuras e tentava entender as palavras. Lembro que comecei a ler com gibis da turma da Mônica. Lia toda hora e em todo lugar! Atualmente, não leio tanto quanto gostaria, mas gosto de ler. Quando leio, sou eu e o livro. Parece que tudo em volta fica suspenso. Alguns livros me transformaram profundamente, expandiram minha visão e carrego comigo sempre. Eles representam a possibilidade de ver o mundo sob outros pontos de vista, e isso muda a gente como pessoa”, explica a estudante.

Para a jovem, a tecnologia

“Sempre imaginei que o paraíso fosse uma espécie de livraria”

JORGE LUIS BORGES

Escritor

tem ajudado bastante os leitores aficionados, mas, segundo ela, a modernidade não substituiu uma das maiores sensações que um livro em papel pode proporcionar. “Acho que o livro sempre vai ter seu lugar na humanidade. Não é porque inventamos novas tecnologias que deixamos de usar as outras. Eu uso um aplicativo de livros e adoro, acho muito prático para ler na rua, mas alguns livros tão bons que merecem ser comprados para serem seguros, manipulados, grifados e emprestados. Para mim, a sensação de tocar em um livro físico não pode ser substituída”, afirma Luisa.

Já a autônoma Arlete Reis, de 57 anos, ainda cultiva o hábito de comprar livros em livrarias. Para ela, a leitura já a acompanha há um bom tempo. “Leio desde criança praticamente. Minha mãe sempre gostou de ler, então eu acabava pegando os livros dela. Me lembro que quando comecei a pegar o hábito, com meus 12, 13 anos, não parei mais de ler, porque me divirto, me apego e me identifico com os personagens. É uma viagem e eu acabo me transportando para as situações (do livro)”, explica Arlete.

Para Celso Soldera, um dos sócios da livraria Pergaminho, que está completando 20 anos de existência no centro da cidade, o futuro do livro em papel sempre estará garantido na sociedade. “Os livros estão se modificando, se adequando às novas formas de comercialização. O livro vai ser igual ao disco em vinil, vai continuar existindo, vai continuar sendo comercializado e será sempre um objeto de muito valor e qualidade, independentemente do tempo. As editoras só precisam tomar um certo cuidado com a maneira que vão realizar as suas publicações de modo a reeditar livros que tenham um valor de conhecimento dentro da história”, opina.

Para Pontes, apesar de a situação ser difícil nos dias atuais, os livros possuem algo que a grande maioria dos objetos não possuem. “O livro tem um poder de atração incrível. Você pode colocar em um restaurante, em uma casa de artigos de agropecuária, num posto de gasolina, numa farmácia, onde você colocar ele vai atrair alguém. A pessoa vai chegar perto, olhar, pegar o livro, examinar e, eventualmente, comprar. A magia de um livro não se compara com nada nesse mundo”, finaliza.

“Um livro é um brinquedo feito com letras. Ler é brincar”

RUBEM ALVES

Escritor